

MODESTO, Artarxerxes Tiago Tácito. *Formas de Tratamento no Português Brasileiro: um estudo de caso*. Curitiba: Editora DNAZ, 2009. 162 p.

Jânia Ramos (UFMG)

No livro *Formas de Tratamento no Português Brasileiro: um estudo de caso*, de Artarxerxes Tiago Tácito Modesto, o leitor vai encontrar um texto ágil e inteligente sobre um dos temas mais visitados na literatura lingüística recente.

O livro relata uma pesquisa desenvolvida no mestrado, apresentando uma introdução, quatro capítulos, uma conclusão, além de um anexo de 14 páginas de transcrição de um dos vinte inquéritos analisados. Dois prefácios apresentam a obra. O primeiro, assinado por José Lemos Monteiro, anuncia a abordagem teórica do trabalho, o modelo variacionista laboviano juntamente com interpretações funcionalistas. O segundo prefácio, assinado por Luiz Antônio da Silva, antecipa a conceituação de forma de tratamento adotada: *quando duas ou mais pessoas conversam (...), o tratamento (...) [constitui] um sistema de significação (...); trata-se de um código social cuja transgressão pode causar prejuízo no relacionamento dos interlocutores*. O capítulo 1 traz uma recensão crítica da literatura recente sobre formas de tratamento no Brasil. Informações de natureza histórica e demográfica sobre esta cidade, fundada no século XVI, vão compor o capítulo 2. Certos indicativos socioeconômicos e populacionais (IBGE, 2000), apontados pelo autor, mostram que 99,46% dos residentes em Santos vivem na área urbana e que esta população teve, na segunda metade do século XX, um substancial aumento com a chegada de migrantes nordestinos (p.55). No capítulo 3 os pressupostos teóricos são descritos, e o autor argumenta a favor da compatibilidade entre o funcionalismo e a sociolinguística laboviana: *o funcionalismo analisa a estrutura gramatical tendo como referência a situação comunicativa inteira: o propósito do ato de fala, seus participantes e seu contexto discursivo. (...) a escolha entre as formas tu e você, em Santos, depende da configuração desses fatores conjugados* (p.60), pois esta escolha revelaria *um jogo de subjetividades, um jogo de representações* (p.71). Distanciando-se de entrevistas sociolinguísticas típicas, a composição da amostra exhibe o formato de diálogos entre dois ou mais informantes, num total de 10 gravações secretas, posteriormente autorizadas pelos informantes, e 10 gravações não secretas, chegando-se a um total de 314 minutos de fala. O capítulo 4 relata os resultados da pesquisa. Os fatores avaliados foram gênero, faixa etária (15 a 20 anos e mais de 21 anos); escolaridade; função sintática; referenciação; monitoramento; e expressividade do ato comunicativo. Apenas os quatro últimos foram considerados quantitativamente significativos pelo programa GoldVarb 2001. A

frequência de uso de tu em Santos alcança 32%, o que representa um total muito superior aos obtidos em outras amostras do sudeste brasileiro. Nas considerações finais o autor retoma e comenta cada fator analisado e assegura ter sido confirmada *a hipótese de que o uso de tu em Santos é desencadeado pela configuração de situações de [+envolvimento], [-] monitoramento e [+expressividade]* (p.136); e quanto ao fator função sintática, verifica-se que a posição de sujeito é desfavorecida em contraposição à de objeto, o que é atribuído ao fato de o pronome tu ser usado com verbo na terceira pessoa e não na segunda pessoa gramatical.

A leitura deste livro revela-nos algo novo sobre a comunidade lingüística de Santos (SP), comunidade esta que ainda não tinha sido objeto de investigação. Pinçando, com exatidão, as contribuições mais relevantes, Artarxerxes Modesto chega a uma síntese, artesanalmente trabalhada, inovadora e capaz de despertar o interesse do leitor sobre o tema. Esse resultado constituirá o cenário sobre o qual serão projetados e interpretados os resultados de um estudo quantitativo sobre o uso dos pronomes tu e você em Santos. Na resenha de Bortoni-Ricardo (2002), Artarxerxes Modesto faz uma aproximação muito feliz, entre as noções de variação estilística e circunstâncias sócio-culturais, de DIK (1986): *Our ways of speaking are in many ways dependent on the social-cultural circumstances in which we speak. (...) [the] aims that we wish to reach in communication (...) first, at establishing and maintaining contact with our Addressee; second, we signal the type of social relationship which existis or should exist between ourselves and our Addressee* (p. 81).

Algumas indagações vão se colocando ao leitor durante a leitura deste livro. Uma delas é: qual a correlação entre o uso de tu e o perfil demográfico de Santos? Embora esse perfil tenha sido interessantemente traçado no capítulo, não é retomado no decorrer da obra. Será que a maciça presença de nordestinos na região poderia elucidar o percentual significativo do pronome tu nesta comunidade? Outra indagação diz respeito ao envelope de variação. Este estudo tem o mérito de incluir dois fatores comumente ausentes em análises quantitativas: monitoramento e expressividade. Em relação ao monitoramento, o critério é claro, pois decorre do tipo de gravação, secreta ou não secreta. Já em relação ao fator expressividade, o critério adotado carece de objetividade. Afirma-se *que foi observado o aspecto prosódico e pragmático do ato comunicacional como um todo, ou seja, a força expressiva prosodicamente colocada sobre um pronome, sobre uma sentença, ou mesmo em todo o contexto discursivo, no sentido de enfatizar a ação ou a informação transmitida ao interlocutor* (p. 98). Entretanto, no decorrer da obra não se encontram análises prosódicas nem o resultado da aplicação dos parâmetros utilizados para distinguir o que, do ponto de vista pragmático, é um ato comunicacional expressivo e um ato comunicacional não expressivo. O autor apresenta tabelas contendo as porcentagens resultantes da aplicação de cada fator (p.104-108), depois apresenta tabelas com porcentagens e pesos relativos. Esse procedimento traz certa redundância ao texto. Em relação às conclusões gerais, o leitor é surpreendido pela seguinte explicação para o favorecimento da posição objeto, em

contraposição à de sujeito: *ela [a forma te] pode alternar-se, ao lado da forma subjetiva tu, com a forma você em diversos contextos, mesmo naqueles onde não seria propício o uso de tu. Entendemos que tal fato se deve a um processo de neutralização das marcas desinenciais do verbo e da perda da distinção formal entre funções exercidas por pronome. Assim, entendemos que a escolha das formas depende, mais que de questões estruturais, de questões pragmáticas e discursivas (p.138). Uma vez que o português não admite concordância com objeto, por que a variação te/tu/você dependeria de um processo de neutralização das marcas desinenciais do verbo?*

Há também contribuições importantes neste livro. Uma delas é tratar os traços [referência direta, referência indireta e referência indeterminada] como variáveis discursivas e não como variáveis semânticas, como em outros trabalhos (p. 96), o que realça a força da intenção do falante quanto à escolha de como se referir ao agente ou experienciador da ação verbal. Outra contribuição foi detalhar a amostra, indicando duração, tipo de interação (se reunião, conversa, etc), local, perfil dos interlocutores em relação a cada inquérito. Veja-se que este tipo de detalhamento permite verificar a força de vários outros fatores, tal como tipo de díade (professor/aluno; colega/colega; irmão/irmã, etc); relação simétrica/assimétrica, etc. Isso revela a potencialidade de desdobramentos desta pesquisa.

Em resumo, Artarxerxes Modesto compõe um mosaico interessante, reunindo exemplos de tratamento em diferentes línguas assim como exemplos de proibições e normatizações sobre tratamento em diversos espaços e tempos. Apresenta um estudo quantitativo de uma amostra formada de conversas espontâneas, avalia fatores novos, e interpreta os resultados com clareza e objetividade. Trata-se de uma obra que interessa tanto a leigos quanto a especialistas.